

PONTIFÍCIO ATENEU SANTO ANSELMO

Faculdade de Teologia

INSTITUTO SÃO PAULO DE ESTUDOS SUPERIORES

Análise Literária: O Lava-Pés (Jo 13, 1-30)

GABRIEL RIJO SIMOA

MATHIAS JOSE PEREIRA

LITERATURA JOANINA

Professor: Dr. Shigeyuki Nakanose

São Paulo 2026

CONTEXTO

A perícopes do lava-pés (Jo 13,1-30) inaugura a segunda grande parte do Evangelho de João, tradicionalmente chamada de “*livro da glória*”. Essa seção não deve ser compreendida apenas como uma continuidade narrativa, mas como uma mudança qualitativa: sai-se do âmbito dos sinais para entrar no mistério da revelação plena.

O versículo inicial (13,1) funciona como chave interpretativa: Jesus sabe que chegou a sua “*hora*”. Ao longo do Evangelho, essa hora havia sido constantemente adiada; agora, ela se concretiza como passagem (*páscoa*) deste mundo para o Pai.

Segundo Johan Konings, essa “*hora*” não se reduz ao momento da morte, mas compreende todo o evento pascal: cruz, exaltação e retorno ao Pai. Trata-se da manifestação definitiva do amor de Deus, que se revela como doação total. Por isso, o evangelista afirma que Jesus “*amou até o fim*”, expressão que indica não apenas o término, mas a plenitude do amor. Nesse horizonte, o lava-pés deve ser lido como ato revelador da identidade de Deus, um Deus que ama servindo.

ESTRUTURA LITERÁRIA

A organização do texto revela uma construção altamente intencional:

- 13,1 – Abertura solene (*chave teológica*)
- 13,2-11 – Gesto simbólico e diálogo com Pedro
- 13,12-20 – Interpretação e exortação
- 13,21-30 – Anúncio da traição e ruptura

Konings propõe uma leitura fundamental dessa estrutura: há uma passagem do dom ao mandato, do indicativo ao imperativo. Ele explicita que o que Jesus faz é um (*dom salvífico*), já o que os discípulos devem fazer é (*imitação existencial*). Lançando um olhar sobre essa dinâmica, percebemos que ela impede uma leitura moralista, já que o agir cristão não nasce de uma exigência externa, mas da participação no gesto de Cristo.

O GESTO DO LAVA-PÉS

O gesto de Jesus não é apenas uma ação isolada, mas uma verdadeira dramatização da sua identidade. Cada movimento possui uma densidade teológica: o gesto de levantar-se, significa um abandono da posição de honra, já o depor o manto, uma renúncia à condição de mestre, e o cingir-se revela sua condição de servo. Konings interpreta esse movimento como uma espécie de “*transfiguração invertida*”: não é a glória que se manifesta na elevação, mas na descida. Aqui se pode estabelecer um paralelo profundo com o hino cristológico de Filipenses 2,6-11: Cristo se esvazia, assumindo a condição de servo, o lava-pés, portanto, não é apenas símbolo moral, mas epifania da kenosis divina.

A reação de Pedro revela a tensão central do texto. Ele recusa o gesto porque o interpreta segundo categorias humanas de honra e hierarquia. A resposta de Jesus, “*se eu não te lavar, não terás parte comigo*”, revela o caráter integrador e salvífico do ato. Não se trata de um simples gesto de humildade, mas de uma condição para a comunhão com Cristo.

Konings insiste que o lava-pés deve ser entendido como dom salvífico único e insubstituível, não é algo que o discípulo possa produzir por si mesmo, antes de imitar, é necessário acolher. A dificuldade de Pedro é, portanto, profundamente teológica: ele não aceita um Messias que salva através do abaixamento e do rebaixamento.

O diálogo com Pedro introduz a temática da purificação, no entanto, João desloca o eixo da purificação ritual para uma dimensão mais profunda. Os discípulos já estão “limpos” por causa da palavra de Jesus. O lava-pés não substitui o batismo, mas aponta para a necessidade de uma contínua adesão ao estilo de vida de Cristo, assim, a purificação não é apenas ritual, mas existencial, consiste em entrar na lógica do amor que se doa.

DO SINAL AO MANDAMENTO

Após o gesto, Jesus oferece sua interpretação deste mesmo gesto, e aqui se encontra o núcleo eclesiológico da perícope. Jesus não nega sua autoridade (*Mestre e Senhor*), mas redefine seu significado. A autoridade, no horizonte joanino, não se exerce dominando, mas servindo.

Konings sublinha que o imperativo (*“lavar os pés uns dos outros”*) nasce do indicativo, isto é, o que Jesus fez. Isso significa que a ética cristã é sempre resposta a um dom. Além disso, o lava-pés se torna paradigma da vida comunitária, pois rompe a lógica de superioridade, e elimina a distinção rígida entre senhor e servo, estabelecendo assim uma fraternidade radical. Neste ato percebemos uma verdadeira revolução antropológica e eclesial.

A TRAIÇÃO

A introdução da figura de Judas impede uma leitura idealizada da comunidade. A traição não vem de fora, mas de dentro. Konings destaca que Judas não é apenas um personagem histórico, mas uma figura teológica: ele encarna a possibilidade da recusa. A liberdade humana aparece aqui em sua ambiguidade, isto é, o ser humano pode acolher o amor ou rejeitá-lo.

A saída de Judas é descrita com uma expressão breve, mas carregada de significado: “era noite”. Em João, a noite não é apenas um dado cronológico, mas uma categoria teológica. Ela representa a ausência de luz, o fechamento à revelação, e o domínio do mal. Assim, Judas torna-se símbolo daquele que escolhe as trevas, em oposição ao discípulo amado, que permanece na luz.

Mesmo diante da traição, Jesus não perde o controle da situação. Ele conhece o que vai acontecer e age com plena consciência. Isso revela um elemento fundamental da teologia joanina: a paixão não é derrota, mas manifestação da glória.

TEOLOGIA DO LAVA-PÉS: UMA REVOLUÇÃO DO AMOR

A síntese teológica proposta por Konings é particularmente profunda, pois “a humildade de Jesus não é apenas uma amostra de virtude, é uma revolução.” Essa afirmação revela que o lava-pés não é apenas um ensinamento moral, mas uma ruptura com toda lógica de poder. São pontos extremamente centrais deste ato, o gesto de que Deus se revela no serviço, não no domínio, e sua glória se manifesta na cruz, visto que o amor verdadeiro implica doação radical. Além disso, Konings insiste que o lava-pés não é um símbolo externo da cruz, mas seu prelúdio. Ele faz parte do próprio modo como Deus se encarna na história.

ATUALIZAÇÃO: O DESAFIO ECLESIAL

O texto e o gesto do lava-pés permanecem profundamente atuais, pois eles são uma das expressões mais densas e provocativas da identidade cristã. Não se trata apenas de uma cena comovente ou de um rito repetido anualmente na liturgia da Quinta-feira Santa, mas de uma verdadeira revolução operada por Cristo: o Senhor se faz servo, o Mestre se abaixa, aquele que tem toda autoridade assume a condição do último. Neste gesto, Jesus não apenas ensina, Ele redefine o modo de ser da comunidade que nasce de seu seguimento.

Atualizando este gesto para o nosso tempo, somos levados a confrontar uma realidade ainda marcada por desigualdades profundas, tanto na sociedade quanto, por vezes, nas próprias estruturas eclesiais. O lava-pés rompe com qualquer lógica de privilégio, clericalismo ou busca de prestígio.

Neste sentido, a vivência concreta da caridade torna-se o verdadeiro “prolongamento” do lava-pés na história. Não por acaso, encontramos na tradição da Igreja exemplos luminosos como a Sociedade de São Vicente de Paulo, cujos membros, os vicentinos, encarnam este gesto ao visitar os pobres, escutar suas dores e partilhar não apenas bens materiais, mas também dignidade e presença. Inspirados por São Vicente de Paulo, eles compreendem que “*os pobres são nossos senhores e mestres*”, e que servir a eles é, na verdade, tocar o próprio Cristo.

As múltiplas obras sociais da Igreja, pastorais, projetos comunitários e iniciativas solidárias, também se inserem nesta dinâmica. Cada gesto de cuidado com os enfermos, cada ação em favor dos marginalizados, cada esforço por justiça social torna visível o lava-pés vivido. Assim, a Igreja não apenas celebra um rito, mas torna-se sacramento de serviço no mundo.

Konings, ao advertir contra a redução do lava-pés a um simples rito litúrgico, toca em um ponto crucial: quando o gesto perde sua dimensão existencial, ele se esvazia de seu poder transformador. O risco é transformar a liturgia em um “teatro sagrado”, desconectado da vida. No entanto, o verdadeiro culto agradável a Deus se prolonga na prática do amor concreto (cf. Is 58).

Portanto, o lava-pés continua a nos interpelar hoje com a mesma força do primeiro momento: estamos dispostos a nos abaixar? A renunciar ao poder para servir? A reconhecer no outro, especialmente no pobre, no excluído, no invisível, a

presença do próprio Cristo? Enquanto estas perguntas permanecerem abertas, o gesto de Jesus continuará vivo, desafiador e profundamente atual.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

KONINGS, JOHAN. Evangelho segundo João, Amor e fidelidade, Loyola, São Paulo, 2005.